1ª PARTE

Estudos

CÂMARA CASCUDO

Epistológrafo

Rubens Falcão

Uma das mais caras afeições da minha vida, neste já longo caminhar por um mundo cada vez mais inquieto, é o Professor potiguar Luís da Câmara Cascudo. Seu nome, de projeção internacional, impôs-se muito cedo ao carinho, ao respeito e à admiração dos estudiosos e pesquisadores. Personalidade inconfundível, não haverá quem, conhecendo-o, deixe de amá-lo, tão grande o tesouro de bondade que guarda no coração. Um trabalhador infatigável, um erudito na mais ampla acepção da palavra, um homem excepcional, que vive rodeado na terra-berço da veneração do mais humilde ao mais representativo do seu povo. Em Natal, todos lhe querem bem e se gabam de possuí-lo. Ao menino da rua, se lhe perguntamos onde mora o Mestre, vem logo a resposta: "O Professor, vou levar o senhor lá...".

Foi nos idos do Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio por iniciativa de Renato Almeida e Édison Carneiro, que me aproximei daquela figura singular. Nas minhas andanças pelo Nordeste, vítima secular da politicagem e imprevidência dos governantes, visito-o em sua casa. Otimista, nunca descreu do Brasil. Numa entrevista à Manchete, em 1964, dizia: "Quando nasci, o Brasil estava à beira do abismo. Passados os anos, uma das duas coisas deve ter acontecido: ou o abismo fechou ou o Brasil alargou... O que está-se processando no Brasil (vivíamos os derradeiros dias de João Goulart) é uma fase lógica, com a presença dos problemas mundiais que aqui arribaram. Falar em problemas brasileiros, em abismo, é ignorar o que se passa e passou no resto do mundo. Desvalorização da moeda, desajustamento psicológico, tudo isto são ciclos. Antes de tudo é preciso acreditar que estamos aqui numa missão humana e que nada disso é castigo nem penitência acima de nossas possibilidades de resolução. O melhor produto do Brasil ainda é o brasileiro". (Cascudo — mais de cem livros e ensaios publicados — nasceu em Natal, na antiga Rua das Virgens, que hoje tem o seu nome, a 30 de dezembro de 1898. Por isso, segundo o folclorista Veríssimo de Melo, costuma dizer que é o único natalense que não pode negar a idade, pois figura o seu nome numa placa de rua, homenagem que lhe prestaram os amigos em 1955.)

— Mas... é do epistológrafo que eu gostaria de falar. Para tanto, permitam-me os eventuais leitores traga para estas páginas um punhado de cartas com que

tem-me honrado e cativado o fabuloso nordestino. Uma faceta, não muito conhecida, talvez, desse espírito múltiplo, desejaria revelar aqui — a ternura. Professor de ternura, eis o que ele é...

Natal, 29 de outubro de 1969

Rubens Falcão: — Sua Antologia lida, de Teixeira de Melo à Utilde Ribeiro, e ao inverso, deste àquele. Dezenas de informações vivas, para mim, inacháveis, como dizia Monteiro Lobato, noutras fontes. Livro útil, prestante, nítido. Está sempre ao alcance da mão. Outros ficam na distância do pé. Então? Ao rico não devas e ao Cascudo não prometas... Nas suas visitas aos livros velhos, deparando o Machado do Agripino Griéco, compre para mim. Acabo de receber carta do Dedélo Grieco, nosso Embaixador em Belgrado, tentando-me arrastar. Donatelo, que conheço desde 1946, em Montevideo, por anomalia vegetal, é uma flor vinda de cactus, com espinho e seiva. Um abraço e lembranças deste. — Câmara Cascudo.

Natal, 8 de abril de 1970

Rubens Falcão, querido amigo.

Estou relendo *Páginas Avulsas,* ontem recebidas. É o meu clima, temperatura ambiente. *Qui se ressemble s'assemble.* Suas páginas serão avulsas como as folhas da mesma árvore que vivem separadas e harmoniosas na unidade da seiva. Entendimento. Ternura. Exaltação carinhosa. Na galeria evocada, quantas fisionomias de convivência! E no plano expositivo, minha viva simpatia no liame espiritual da concordância.

Com meio século de magistério, tendo sido, única e vocacionalmente, professor de província, encontro em suas análises, incisivas e breves, as mesmas conclusões de experiência e dedicação pessoais. Distância, para mim, entre 1923, quando comecei (ano em que você chegou ao Rio de Janeiro para outra Iniciação), e 1968, na hora da aposentadoria, na Faculdade de Direito, recordando as primeiras e derradeiras turmas... Que diferença, Rubens, na mecânica da curiosidade adolescente, atenção, comportamento, aquisição real. Que evolução na técnica simuladora do aproveitamento! Quantos desdobramentos de cursos, complicando programações, assimilação, realismo no Ensino! Cursos incontáveis, rápidos, via intramuscular, para atender ao empreguismo e fomentar a impertigação da *Importantite,* diagnosticada pelo Ivan Lins. O "Mestre", para quem a cátedra é mais um rendimento. Desinteressado, displicente, superior, inevitável passa-culpas de indisciplinas, malcriações, politicacas miudinhas. A fábrica dos livros didáticos, com a única novidade no nome do autor? Ausência de atualização, inclusão, conhecimento de assuntos valiosos para a contemporaneidade brasileira? A Legislação e a Jurisprudência? As razões da prática contra o comodismo "magistral", precisando mais tempo para outras desocupações remuneradas?

A indiferença letrada e crítica pelos trabalhos sérios, difíceis, resultantes de anos e anos de estudo, investigação, pesquisa direta, e a festa pelo livro epidérmico ou seminal?

Ne Parlons pas politique. Seria fazer careta a cego.

Mas, Rubens, de 1906, quando datam as minhas mais antigas recordações, para 1970, quanto temos andado, subido, alargado! Comprávamos 10.000 contos de palitos a Portugal. Tudo nos vinha do exterior. Até a fêmea-de-aluguel, oxigenada e coletiva. Carta de ABC ao bicarbonato de soda de Carlo Erba, de Milão. Fósforos da Suécia. Vestíamos da Inglaterra e cheirávamos de Paris. Hoje, mesmo com uma certa industrialização fraudulenta, furtando em durabilidade e serviço ao comprador, o Brasil é quase autárquico. Os nossos erros, defeitos, pecados, passam para a classe dos indulgenciáveis, comparados com os dos *Povos Civilizados.* Viajando e vendo, tenho dado absolvição plenária a muita sem-vergonhice salafrária nacional. Naturalmente, netos de amerabas, nós adoramos as manifestações negativas do caráter estrangeiro, ignorando a excelência do seu comportamento coletivo. Assim faziam os Tupinambás, nossos antepassados. Mas, Rubens querido, a rapidez fulminente, irresistível, universal, com que se propagam aclamados e radiosos, usos-e-costumes inferiores, primários, ridículos!... Rio e Paris-Londres e Tóquio-Niterói e Roma-Cairo e Baturité, seguem no mesmo ritmo "progressista". Não mais, musa não mais! Veja como seu livro achou água da fonte no meu granito. Mandou dizer El-Rei, Meu Senhor, que fizesse outro. Afetuosamente. — Luís da Câmara Cascudo.

Natal, 4 de novembro de 1970

Meu caro amigo Rubens Falcão.

Muito grato pela sua carta de 27 p.p. respondendo a minha de 3 de setembro. Não se aflija. Pesquisa é assim. Quando dependemos dos outros as notas se arrastam, engatinhantes. Não faz mal. Esperemos que São Francisco do Canindé catuque essas indolências. O pior é que devemos confiar, desconfiando, porque o ensaio não deve ficar incompleto. Eu retirei notas justamente do seu boletim, agosto deste ano, crônica de Maria Thereza Mello Soares, sobre *Muxuango e Mocorongo,* que desconhecia. Você já me ajudou, evidentemente. Penso haver mais *algo de nuevo* na espécie.

Mando, incluso, um livrinho de trovas do José Amaral, dedicado e devoto ao gênero. Deu-me alguns exemplares e estou enviando aos amigos, divulgando o amigo José Amaral que é a bondade em pessoa, carne, ossos, sangue, cartilagens. No próximo dia 9, o Renato estará em bodas de ouro, meio século que Urânia agüenta o Renatinho...

Para ele deixar a campanha será uma libertação e oportunidade para livros pessoais, incluindo a nova edição da História da Música Brasileira. Quando

me aposentei, em 1966, recusei aproveitar oferecimentos. Era a hora de ser útil ao meu pequenino nome. Trabalhar no meu campinho, sem pensar economica ou socialmente. Deus tem ajudado tanto esse pecador profissional... No dia 1º passado, minha neta Daliana fez a primeira comunhão. Emoção nova para mim. Continuo "atracado" numa *Sociologia do Açúcar*, capaz de fazer-me diabético. Afetuoso abraço deste seu muito grato. — Câmara Cascudo.

O Livro do Amaral segue em separado...

Natal, 16 de janeiro de 1973

Rubens Falcão.

Gratíssimo pelas notícias de suas andanças pelo Nordeste e recolha ao ninho papa-goiaba. Não fosse Você um cearense! "Justiça do Ceará ti prisiga!" Contava Leonardo Mota. Essa carta voa por intermédio do cearense Antonio Justa, acuado no Rio de Janeiro. Ontem fiquei toda a tarde à disposição perguntadeira de estudantes de Fortaleza, vindos de ônibus para ver-me! Não é uma mentira deliciosa que o Ceará-Moleque inventa?... Pior é que acredito como se fosse verdade. Você viu na minha salinha de livros a bandeira do Ceará. Não é vocação beatíssima à minha vizinha ao norte?

A saúde segue indecisa e balançante como quadril de bailarina. Mas, *ecce iterum* Ceará. Saúde é jeito! Vou-me ajeitando nos altos fornos dos 74 dezembros vividíssimos. Bem. Para sonífero, chega. Abraços. Votos de felicidade desse seu velho — Luís

Natal, 31 de março de 1973

Meu querido Rubens Falcão.

A saudinha vai dando para os gastos e a preguiça não me visita. Não sou funcionário público... Abraço pela visita afetuosa. Deus o abençõe e o Diabo não o esqueça com alguma tentação colhível. Um abraço potiguar ao grande Tabajara. Seu velho — Câmara Cascudo.

Natal, 2 de maio de 1973

Rubens Falcão querido. Grato pela visita do Júlio Salusse, meu recitado fatal, como toda a gente da minha geração. Evocação magnífica de clareza, movimento, naturalidade. Estou vendo e ouvindo o recalcitrante poeta dos Cisnes revividos, integrais, legítimos, na sua emoção. Um afetuoso abraço de saudade e bem-querer deste seu

Natal, 24 de outubro de 1975

Rubens Falcão: Abraços pelo nº 5 da revista. Excetuando a temática cascudina, a colaboração está excelente. Você evocou algumas *leotagens com êxito. Quantas lembraças dele... Não sei se conhece o meu prefácio ao Cantadores, na edição que a UFC realizou. Contei causos* da nossa convivência. Calunga mereceu verbete no Dicionário de Folclore, 1º vol. da edição de 1972, porque as anteriores são incompletas. O estudo de An'Augusta Rodrigues está um encanto. Completinho. Idem o do Luis Antônio Pimentel. Gostoso, o do Vivi, Veríssimo de Melo, e bem bons os de Amélia Tomás, Soffiati Netto, Saul Martins. Enfim, a Revista está grau 10 *cum laudé*. Na vanguarda das raríssimas semelhantes. Todas as vênias comovidas deste seu — Luís.

Será possível enviar a carta inclusa a An'Augusta Rodrigues? Leia o rumo do pedido. Grato.

24 de abril de 1977

Rubens Falcão, jovem amigo velho:

Entro no assunto, solicitando sua simpatia e auxílio. Antecipo todas as graças pelo que for possível obter na espécie.

Pedro Luís, de boa síntese na sua *Antologia de Poetas Fluminenses,* é autor de um poema — Lágrimas do Passado, cuja primeira quadra foi popularíssima pelo nosso Nordeste, constituindo locução tradicional.

Serena Estrela, no meu céu não viste?
Pálida e triste foi morrer além;
Aqui findou-se meu extremo gozo,
É já forçoso que eu me vá também.

Meu problema é situar, mais ou menos, estes versos no tempo. Quando teriam sido publicados? Peço todos os perdões por tomar-lhe tempo e memória Uma breve investigação nos livros, de inspiração lírica de Pedro Luís, existentes em Niterói ou mesmo na corte, como diziam no Rio de Janeiro no tempo imperial, talvez dê fruto. Contentar-me-ei sabendo em que livro e data da impressão.

11 de maio de 1977

Rubens Falcão, jovem amigo velho:

Volto a bater à sua porta. Não posso sair de casa, indo ao nosso Instituto Histórico consultar cartapácios. Desta vez contentar-me-ei com os anos do nascimento e falecimento do Conselheiro Paulino, que dá nome à rua onde mora o Thaville, em Niterói.

Paulino José Soares de Souza, filho do Visconde do Uruguay, com o mesmo nome, foi Ministro do Império, Conselheiro do Estado, Senador do Império, chefe do Partido Conservador, que denominavam Saquarema.

Um abraço antecipado pela tarefa que lhe solicito. Deve ter recebido minha carta, eufórica, pela "Serena Estrela" do Pedro Luís Pereira de Souza. — Muito cordialmente — Câmara Cascudo.

19 de maio de 1977

Rubens Falcão, querida "vítima":

Apresso-me a sustar sua tentativa de apanhar pulgas com luvas de boxe. O Conselheiro Paulino faleceu em 3 de novembro de 1901. Enélio Petrovich, que é advogado, tem um colega residente em Niterói, Rua Lopes Trovão, 33/401, Dr. José Antônio Soares de Souza, nada mais e nada menos, neto do Conselheiro. Telegrafou as informações, recebidas ontem, e já utilizadas. A primeira lembrança foi a tarefa que dera ao "pobre" do Rubens... Aí está como se escreve a História, History and Story. Perdoe a trabuzana em que o meti e abrace este seu "explorador" amigo — Luís.

Natal, 8 de julho de 1977

Rubens Falcão, jovem amigo velho:

Congratulações afetuosas pela homenagem justa e linda ao inesquecido Amadeu Amaral. Sou seu admirador fiel. Incluí seu discurso sobre uma sociedade demológica em São Paulo logo na primeira edição da *Antologia do Folclore Brasileiro,* e nas 3ª e 4ª, o filho. Seu nome é de inevitável citação nas minhas laboriosidades inúteis, notadamente no *Dicionário.* Registrei, em resumo bio-bibliográfico, sua atividade no plano essencial, desde 1944, com a *Antologia* e 1964, no *Dicionário.*

Assim, deduzirá meu aplauso pelo seu ensaio e as alegrias íntimas por, mais uma vez, contá-lo ao meu lado na coincidência magistral da admiração mental. Li e reli com carinho sua prosa serena e clara, moldurando uma vida magnífica de trabalho e dignidade intelectual.

Um bom e velho abraço deste seu — Luís da Câmara Cascudo.

29 de julho de 1977

Rubens, o Falcão:

Abraço

Seu painel evocando Agripino Grieco é um encanto de fidelidade, movimentação, colorido. Nunca o vi. Inexplicavelmente possuo uns 10 a 15 volumes

com dedicatórias carinhosas, algumas exaltadas. O filho, Embaixador Donatello Grieco, que chamo intimamente Dedelo, amigo desde Montivideo de 1946, afirma sinceras. O Pai encantava-se com a minha obstinada preferência em determinados assuntos, amados e não impostos pela notoriedade. E o fato de morar na Província e não viver catucando o Rio de Janeiro. Vi o Grieco como imagino sua realidade funcional. Não há que mudar ou regular.

Tudo muito ótimo, como dizem por aqui. Guardei-a dentro de um volume do Grieco, com digníssima flor sobre seu túmulo. Um bom abraço deste seu — Câmara Cascudo.

12 de maio de 1978

Rubens Falcão, confrade, velho amigo:

Grato pelo afetuoso cartão. A saúde está sendo suficiente para o trânsito normal, caseiro. Já não galgo *en prise* a ladeira sem "engrenar primeira". Neste resto de tarde vivo tranqüilo meu anoitecer. A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com sede no Rio, coadjuvada pelo nosso Governo e Universidade, publicou a 2ª edição do nosso Locuções Tradicionais no Brasil, revista, atualizada, substituídas umas 26, dando total de mais de 500. Lá está o cantando serena estrela em que você foi colaborador essencial. Lá está você citado, transcrito, gabado como sói mister.

Não recebi meus exemplares e daí você não ter o seu, altamente merecido. Dediquei uma quinzena de março a reler devagar o vivo Agripino Grieco, começando pela sua conferência que é primorosa. Reli os 11 volumes enviados por ele, com inacreditáveis autógrafos. Uma quinzena estimulante e irrivalizável. Escrevi ao grande Detelo, amigo há 32 anos, Secretário em Montivideo, Ministro em Lisboa, Embaixador em Belgrado. Quando lhe for possível, visite em meu nome e beije a mão da viúva Antônio Parreiras. Não tenho Embaixador mais idôneo e querido para esta missão de simpatia e saudade à velha dona, de todo meu respeito.

Quero que ela sinta ainda ser lembrada. Será que vive ainda, ou reuniu-se ao pintor imortal? Meus próximos 80 anos, 30 de dezembro, determinam que o jorro epistolar reduza-se a tubo conta-gotas. Ausência de minhas notícias não é esquecimento. Você é inesquecível. Lembre-me ao neto do Conselheiro Paulino e a quem não perguntar por mim. Tenha nos lombos cearenses o forte abraço deste seu admirador fiel — Luís da Câmara Cascudo.